Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 881

20 DE JUNHO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

ROZENDO CARVALHEIRA

DUQUEZA DE ORLEANS

CHRONICA OCCIDENTAL

Não se póde á tragedia horrivel da Servia applicar o dictado vulgar: quem conta um conto accrescenta um ponto. N'este caso só poderão accrescentar balas, bayonetas e punhaladas.

E ha um homem, já agora chamado Pedro I, rei da Servia, que acceita a corôa que a skoupchtina lhe offerecee diz: «Assim seja; já que a Servia me quer ter-me ha para lhe outhorgar a paz» E lá vai, e talvez muito contente, elle que tão contente devia de andar com seus direitos contestados, a ver arder as barbas do rival!

Soldados e povo percorrem as ruas da cidade, na maior das alegrias e sob as maiores cargas d'agua, dando vivas ao novo soberano, que, aliás, já recebeu pelo telegrapho felicitações do Czar da Russia e de Victor Manuel, rei da Italia.

Elle anda radiante, elle agradece sua eleição, elle termina o telegramma dando vivas ao povo servio e aos fieis representantes nacionaes que o elegeram.

E este homem tem sessenta annos, isto é, edade para ter juizo!

Uma apouquentação entretanto não deixará de levar comsigo, a do castigo áquelles que lhe conquistaram o throno a tiros de revolver e golpes de punhal. O *Times* diz que bom será averiguar se não haverão de arrepender-se os governos da Europa consentindo que fique impune o crime da soldadesca barbara. A *Gazeta da Colonia* diz que o novo rei tem o imperioso dever de respeitar a justiça e de infligir aos assassinos um serio e exemplar castigo.

Mas se é facto qne a skoupchtina já approvou por unanimidade de todos os conspiradores e dos proprios auctores dos morticinios.?

Parece que Pedro I entra de pé esquerdo na fronteira de seus estados.

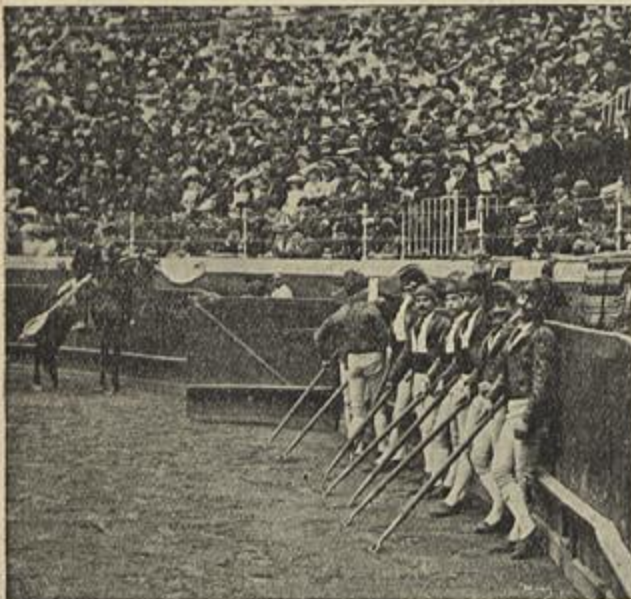
As fantasias entretanto continuam na maior das effervescencias, querendo dar á tragedia um final que ponha de melhor animo os espectadores. Para isso precisam d'uma nova personagem, que se perdeu de vista desde o prologo, e reclamam-a para o epilogo que teria assim deslumbramentos

TOURADA EM BENEFICIO DOS TUBERCULOSOS — OS CAVALLEIROS

DUQUE DE ORLEANS

de quadro final n'uma magica. E' com a doce, infeliz rainha Nathalia que elles vão ter.

E' ler o telegramma seguinte e pasmar do disparate:

A TRIBUNA REAL

O NETO E OS HOMENS DE FORCADO

«Belgrado, 16, ás 8,15 t. — A rainha Nathalia possue em toda a Servia profundas sympathias. Uma commissão de senhoras da aristocracia enviou uma mensagem á viuva de Milan I e mãe de Alexandre I para que esta partilhe do throno da Servia, convertendo-se de novo á religião ortordoxa e casando com o rei Pedro I. Ficariam assim unidas as dynastias dos Karageorgevitch e dos Obrenovitch, causa de todas as discussões e luctas internas do paiz.

Será possivel, mas então a geographia está errada e a Servia deve ficar alli, muito perto de Rilhafolles.

Quando a noticia das mortes do rei Alexandre e da rainha Draga chegou a Lisboa, estava fundeado no Tejo o yacht do Duque de Orleans, um dos pretendentes á corôa da França e aquelle que n'este paiz possue maior e mais importante partido. Estou bem certo que lhe faria excepcional impressão a nova terrivel. Pensaria talvez n'esse momento que não ha sorte no mundo egual á sua e que afinal ser rei no exilio é a mais invejavel das posições. Tem em sua casa ou no seu yacht todas as regalias d'um rei, um ou outro manifesto não é coisa de consequencia, e como elle dorme tranquillo e como é lindo o mar e azul o céu, serenas as tardes, esplendidas as manhãs!

Nem que ao sahir da barra, em seu barco pequenino, encontrasse a formidavel esquadra ingleza, que veio de visita ao nosso porto, sentiria no peito uma inveja ao rei de Inglaterra, uma ambição de egualal-o.

Quem está bem não se muda, dirá o Duque muita vez comsigo e pedirá a Deus fervorosamente que nunca lhe conceda melhor sorte.

E' que nem todos os reis teem a sorte de se verem acclamados, como, ainda ha poucos dias succedeu a El-rei D. Carlos, na Praça do Campo Pequeno, ao acabar o destro cavalleiro Victorino Froes de tourear um boi excepcionalmente valente, pertencente ás manadas reaes.

A toirada era em beneficio da Assistencia Nacional aos Tuberculosos e ha muito tempo que não se via n'aquella praça tamanho enthusiasmo. O curro sahiu excellente e todo foi bem aproveitado pelos cavalleiros, Marquez de Castello Melhor, D. Antonio de Portugal, D José de Mascarenhas e Victorino Froes. Tourearam a pé Algabeño e os dois Bombitas. Um grupo de forcados curiosos fez excellentes pegas.

Até a gente que lá estava se esqueceu de politica e de muita outra nuvem que paira lá pelos altos toldando o sol.

Andam os ares tão turvos que os chefes de estado não pensam senão na paz, eil-os todos em cumprimentos uns aos outros, que não ha meio de acabarem. Brevemente é o rei da Italia que vai visitar o presidente da Republica franceza, logo depois é Mr. Loubet que vai a Londres pagar a visita ao rei Eduardo VII. E todos os jornaes commentam a importancia politica d'estas viagens, como seguro penhor da paz internacional.

Os quarenta mil italianos que habitam Paris e os milhares de francezes que habitam Londres preparam festas colossaes aos chefes de seus respectivos estados.

Victor Manuel hospedar-se-ha no Quai d'Orsay, onde se acha estabelecido o ministerio dos negocios estrangeiros. A recepção feita a Mr. Loubet será devéras extraordinaria.

Tudo pela paz, mas os tempos vão turvos, turvos em toda a parte.

Se até entre nós!... Haja vista a grève dos tecelões no Porto e os casos tristes que o telegrapho a toda a hora nos annuncia de miseria, de fome, de desesperos, prisões e cutiladas. Discutem-se as causas do mal, apontam-se culpados conforme as paixões de cada um, mas ninguem indica o remedio para acudir a desgraçados.

As fabricas continuam fechadas. Algumas que abriram não tiveram concorrencia de operarios. Cada vez se tornam maiores e mais assustadoras as adherencias de varias classes á grève dos tecelões.

Por toda a parte ha principios de dramas a desenrolar-se. Felizes d'aquelles que os vêem interrompidos em seus primeiros actos.

Por muita que seja a fantasia dos dramaturgos não nos dá o theatro surprezas como ahi as vemos, cá fóra, na vida real, a cada passo.

São coisas do seculo XX, que, por isso mesmo ainda mais nos espantam. Parece que já não devia de ser tempo para estas scenas que se vão desenrolando na Europa civilisada e que lembram paginas soturnas dos chronistas da edade media.

Até nos parece que ha pontos de contacto entre a morta de ha tres dias, rainha Draga, e a formosa Leonor Telles, esposa — se assim se lhe póde chamar — de D. Fernando, o Formoso. Nem uma nem outra foram de sangue real, ambas da sua formosura abusaram para dominar os corações dos reis e ambas foram odiadas pelo povo. Foram os portuguezes menos ferozes com Leonor Telles, do que os servios com a sua rainha.

Quantas mortes n'esta ultima revolução! Nunca assim Shakespeare, que não desgostava das hecatombes, matou gente em suas tragedias. Na *Porta Saint-Martin* ou no antigo theatro das Variedades pareceria exagero uma chacina d'aquellas.

Pois é verdade.

Já se vê que nem toda a verdade póde servir em theatro, muito menos agora que elle vai desviando para assumptos mais humanos.

SUZANNE DESPRÉS

O Antoine, que ahi esteve agora, apenas uma vez nos foi dado vêl-o cahir com um ataque epileptico, e, ainda elle estava de pé, já o panno vinha a descer.

Pois não foi por isso que as peças agradaram menos.

Foram infelizmente apenas tres os espectaculos que o mais falado hoje dos actores francezes, nos deu no theatro D. Amelia.

Um primor!

ANTOINE

Dos applausos, que não faltaram, teve sua parte especialissima a actriz principal da companhia, Susanne Després, uma das mais encantadoras actrizes francezas que temos visto em Portugal. Não sejamos cobarde na classificação; digamos a mais encantadora de todas ellas, nova, sympathica, cheia de sentimento, com uns lindos cabellos pretos e orelhas que não eram encarnadas.

A peça que maior impressão produziu foi a *Fille El sa*, extrahida do romance de Goncourt, cuja representação, com excellente conjuncto, foi um verdadeiro primor d'arte. Egualmente applaudido ter'a sido o *Poil de Carotte*, se o publico não estivesse cançado da *Nouvelle idole*, que antecedeu aquella lindissima e sentimental comedia, em que foram verdadeiramente superiores Antoine e a estrella da companhia, Després.

Antoine deve contente haver sahido de Lisboa. Não lhe faltarão applausos no Brazil, para onde seguiu viagem. Merece os mais que nenhum artista, porque soube luctar, o que não é pouco, e vencer, o que é muito.

João da Camara.

ROZENDO CARVALHEIRA

Tão grato quanto espinhoso é sempre o encargo de escrevermos algumas linhas que se destinem a glorificar e enaltecer os meritos de alguem, a quem nos prendem laços de velha amizade, atados no fraternal convivio das escholas, e nunca desligados no decorrer das consecutivas e variadas alternativas da vida.

Uma duvida pungente nos atribula. Se dizemos todo o bem que d'elles julgamos, se affirmamos de uma maneira categorica e calorosa o justo conceito que formamos do seu talento, do seu caracter, punge-nos acerbo receio de que o leitor, entre sorrisos, leve á conta de vozes apaixonadas do coração, as verdades, que bem contrariados expuzemos mais singelamente do que a justiça o impunha.

E este receio de dar largas aos impulsos espontaneos da admiração gerada na amizade, que por vezes céga e apaixona, tortura-nos por seu turno, com o perigo de, no excesso contrario, irmos amesquinhar aquelles que com a maior das justiças pretendemos louvar.

Eis o caso presente, no qual vem em meu soccorro a já muito espalhada fama e o conceito geral dos incontestaveis merecimentos de Rozendo Carvalheira. Antigo companheiro das lides escholares, honro-me de ha múitos annos, desde os saudosos tempos em que ambos cursavamos o Instituto Industrial, com a sua boa, leal e tão apreciavel amizade. De longos annos, e desde a juventude conheci portanto, em pleno desabrochar, o seu espirito vivaz, a sua eloquencia facil, despretenciosa e suggestiva, a sua intelligencia fecunda, e a sua veia artistica, hoje perfeitamente definida e firmada nas mais solidas e irrefragaveis provas.

Rozendo Carvalheira, nascido em berço pobre e humilde, teve a suprema ventura de se vêr, quasi desde a mais tenra infancia, acariciado e patrocinado pelo olhar providencial de um homem, que exercia em Portugal o mais poderoso imperio intellectual. Este homem, cujo nome, cuja gloria, influiu, como exemplo, como modelo, como norte, no desenvolvimento intellectual e moral de Rozendo Carvalheira foi Alexandre Herculano.

O grande historiador, o litterato eximio, viu por certo no cerebro infantil do seu pupillo os germens de uma intellectualidade brilhante, capaz de grandes impulsos, digna de melhor cultivo. A sua licção directa foi infelizmente curta, porque a morte implacavel o roubou ao paiz que o venerava, e ao pupillo, ao qual legava protecção, amparo, incentivo. Reconhecido lhe foi o espirito do novel estudante, em cujo coração se radicou de uma fórma indestructivel a paixão, o culto por aquelle que o encaminhára, abrindo-lhe com a cultura intellectual, com o conselho e estimulo, a vereda gloriosa, por onde elle entrou ovante, attingindo rapido as culminancias a que o talento, a verdadeira nevrose do artista, lhe davam incontestavel direito.

Do culto por Herculano deu Rozendo Carvalheira as mais inequivocas provas. Ainda estudante, em 1882, fundou com um grupo de collegas e amigos, entre os quaes se contava quem estas linhas escreve, uma pequena sociedade litteraria, para a qual propunha como égide o nome de Herculano. Esta sociedade de litteratiços novéis publicava um boletim, de que sahiram tres numeros, creio eu. Este boletim, por instancias de Rozendo Carvalheira, denominára-se o *Eurico*. E assim como para o primeiro fructo da sua actividade nas lettras, Rozendo Carvalheira buscára o nome baptismal do lendario e poetico vulto do presbytero godo, assim ao filho primogenito e adorado quiz vincular o mesmo nome, a recordar-lhe sempre o austero mentor da sua infancia. D'este modo creou no coração d'este filho querido o germen da perpetuidade da adoração pelo grande historiador; alli, n'esse pequeno coração, aquelle idolo ficará ligado sempre ao idolo paterno, tambem illustre e prestigioso pelas suas creações artisticas, e pelo seu lidimo caracter.

De Rozendo Carvalheira, ha pouco prostrado no leito por cruel enfermidade, hoje saudado com effusão pelo seu feliz restabelecimento, que direi que não seja de todos sabido?

O seu curso brilhante, no Instituto, onde já vislumbrava a sua vivaz e aguda intelligencia, as provas evidentes de pericia manifestadas na sua curta carreira no Ministerio das Obras Publicas, a affirmação potente da sua caracteristica individualidade de artista, posta em evidencia nos muitos e variados trabalhos, construcções, reconstrucções, decorações de que o encarregam, disputando todos a sua valiosa cooperação, o seu prestimoso auxilio, são cousas do dominio geral.

Bafejou-o, é certo, desde o berço, a bem merecida aura de felicidade. Rozendo Carvalheira póde gloriar se de ter n'esta terra, onde os ruins despeitos e invejas mesquinhas tentam sempre abafar o merito e denegrir a probidade, conquistado nome, prestigio, amizades, sympathias, em todos os meios, desde o limitado circulo dos velhos condiscipulos e amigos, que tão carinhosamente o prezam, até ás mais altas regiões officiaes, até aos primeiros magistrados do paiz, que lhe teem demonstrado grata estima e justa consideração.

Quanto vale Rozendo Carvalheira como artista, no arduo exercicio da sua missão de architecto, a que o elevaram os seus merecimentos, ahi estão a dizel-o, melhor do que eu o faria, tantas das suas obras, nas quaes tem consumido a sua incansavel actividade. Dizem-o as obras de restauração da Sé da Guarda, a que esta revista se referiu largamente, e onde se revelou em toda a pujança a sua intuição artistica, dil-o o vasto projecto do Sanatorio de Sant'Anna, em Carcavellos, dil-o o bellissimo projecto do novo Lyceu a construir na cerca de Jesus, dil-o a bonita capella romanica do Asylo da Ajuda (1), dizem-o tantas e tantas obras que elle dirige, tornando se immenso, na sua inquebrantavel febre de crear, de produzir, de affirmar e aproveitar as suas qualidades de eminente e bem reputado artista. Feliz ainda n'isto, Rozendo Carvalheira, que reune aos outros o merito da religião do trabalho, tão raro n'esta terra, encontrou em volta de si um grupo de cooperadores que o comprehendem e sabem acompanhal-o nas suas arrojadas empresas.

Na restauração da Sé da Guarda, como em muitas restaurações e obras dos paços reaes e de outros edificios, Rozendo Carvalheira revela não só o artista, como tambem o archeologo. Elle, sahido dos cursos do Instituto Industrial, soube, pelo seu talento e pelo seu estudo, realizar o que outros, empavonados com pretendidas nobilitações de aprendizado artistico em Portugal ou no extrangeiro, não conseguem. E, ao passo que na nossa bella cidade vemos erguerem-se pelas ruas e pelas praças, paredões hediondos, cheios dos mais crassos erros, contra os quaes bradam o bom gosto e os preceitos da arte, acobertados pelos nomes de architectos consagrados, os desenhos e projectos de Rozendo Carvalheira brilham pela pureza immaculada das linhas, pelo rigor dos estylos, pela artistica observação das antigas construcções portuguezas, não falseadas por um errado criterio.

A Real Associação dos Architectos e Archeologos elegeu-o ha pouco seu vice-presidente; a imprensa de Lisboa honra-se com a collaboração assidua de Rozendo Carvalheira. Seus bellos artigos de critica de arte, ou de polemica sempre victoriosa, encontram-se dispersos pelo *Jornal do Commercio*, pela *Construcção Moderna*, pela *Revista Colonial e Maritima*, pelo *Boletim da Associação dos Architectos e Archeologos*, pelo da *Associação dos Conductores de Obras Publicas*, a que pertence, e por muitos outros.

Vai extenso o artigo. Só me pesa, ao terminal-o, um dos dois receios que apontei: — o de ter limitado a bem pouco a apreciação do seu talento.

(1) Vide o n.º 869 do *Occidente*, de 20 de fevereiro de 1903.

Do seu caracter honesto, puro, diamantino é mais do que sobeja prova a geral estima que o envolve, á qual me associo mais uma vez, enviando-lhe d'aqui apertado abraço, a felicital-o pelo seu restabelecimento, que novamente o restitue á vida do trabalho e da gloria. E por este motivo, tão solemne e tão summamente grato a todos os que estimam Rozendo Carvalheira lhe publica hoje O OCCIDENTE o seu retrato, como demonstração de apreço e homenagem de muita admiração.

* * *

Depois de composto este artigo e quasi a entrar em impressão, soube, com o maior prazer, que El-Rei, desejando premiar condignamente em Rozendo Carvalheira a sua vida do mais acrisolado, artistico, puro e honesto trabalho, acaba de assignar o decreto em que o agracia com o officialato da ordem de S. Thiago.

Não podia ser mais bem cabida esta distincção honorifica. Não podiam ter mais solemne e brilhante confirmação as minhas singelas e humildes palavras.

Laranjeiras, 20 de junho de 1903.

Victor Ribeiro.

GUILHERMINA SUGGIA

No 16.º concerto da Escola de Musica de Camara, realisado no Salão do Real Conservatorio de Lisboa em 11 do corrente acaba de ser ouvida e apreciada mais uma vez pelo nosso publico a distincta violoncelista portugueza D. Guilhermina Suggia.

Sua irmã D. Virginia Suggia acompanhando-a magistralmente ao piano em que é eximia, completou a 2.ª parte do concerto a que tivemos o prazer de assistir e que foi sem duvida um dos melhores d'esta série.

Guilhermina Suggia é artista de raça e de genio cheia de alma e de sentimento proprio dos grandes espiritos.

A sua individualidade musical, a maneira simples e distincta na apresentação e a forma correctissima na execução de qualquer trecho de auctor consagrado, tudo nos affirma que estamos em presença d'um talento.

Guilhermina Suggia vem de percorrer o santuario da musica — A Allemanha — e que de louros não alcançou na grande patria de Wagner de Beethoven, de Schiller de Goethe e de tantos outros apostolos da divina arte!

GUILHERMINA SUGGIA

O REI ALEXANDRE, DA SERVIA

A RAINHA DRAGA, DA SERVIA

O seu nome impõe-se como o d'uma celebridade que o é, e a continuação laureada da sua carreira artistica é a prova mais evidente e verdadeira do que deixamos dito.

Nasceu na invicta cidade, esta notavel artista é filha do distincto professor Augusto Suggia e tem 19 annos de edade. Aos 5 annos começou com o A, B, C da musica, para o que sentia immediata vocação, e tanto assim que, apenas com 6 annos e meio dedicando se ao estudo de violoncello, tomou parte seis mezes depois, (com 7 annos) n'um concerto publico, realisado no Club de Mattosinhos.

Ahi o enthusiasmo foi indiscriptivel. Desde logo seu pae pensou fazer da artistasinha uma grande artista conseguindo o seu ideal pelo que se deve regosijar bastante.

Depois em 1896, entrando para a orchestra do Orpheon portuense, fez parte do quartetto de musica de Camara, salientando se sempre.

Ainda em março de 1901 tomando parte n'um concerto da Academia dos Amadores de Musica, em que tocou pela primeira vez, de tal forma se distinguiu que lhe mereceu a honra de ser convidada por SS. MM. a tomar parte n'um concerto no paço, ficando então a sua educação musical artistica sob a protecção de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia.

Para bem avaliármos do coração bondoso e phitantropico de Guilhermina Suggia e para melhor fazermos uma ideia das suas bellas qualidades, mostrando bem o seu verdadeiro reconhecimento para com a nossa Augusta Soberana, apresenta se Suggia agora em Lisboa depois de bastantes annos de ausencia á sua patria, tocando n'um concerto realisado no Salão da Trindade em 9 do corrente, e dedicando o producto de esta sua primeira audição para a Assistencia Nacional aos Tuberculosos de que é protectora disvelada a Rainha Senhora D Amelia.

Antes, porém, do concerto a que nos referimos Suggia realisou no Orpheon do Porto, sua terra natal, um concerto em que foi mais uma vez, apreciada e justamente victoriada.

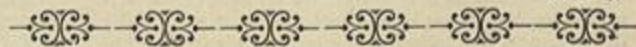
Guilhermina Suggia difficilmente, se esquecerá da forma como foi recebida no *recital* offerecido pelo Sr Lambertini á imprensa de Lisboa em 1901 quando se apresentou pela primeira vez ao nosso publico.

Desde então cresceu a sympathia e admiração pela nossa querida artista e compatriota.

A sua educação musical foi aperfeiçoada na Allemanha pelo sabio professor Sr. Julius Klengel que tem por Suggia a maior admiração, entrando até em concertos publicos com a sua dilecta discipula, honra que muito a deve captivar e de que se poderá orgulhar, se outras tantas razões não houvesse já para levantar bem alto o seu nome glorioso.

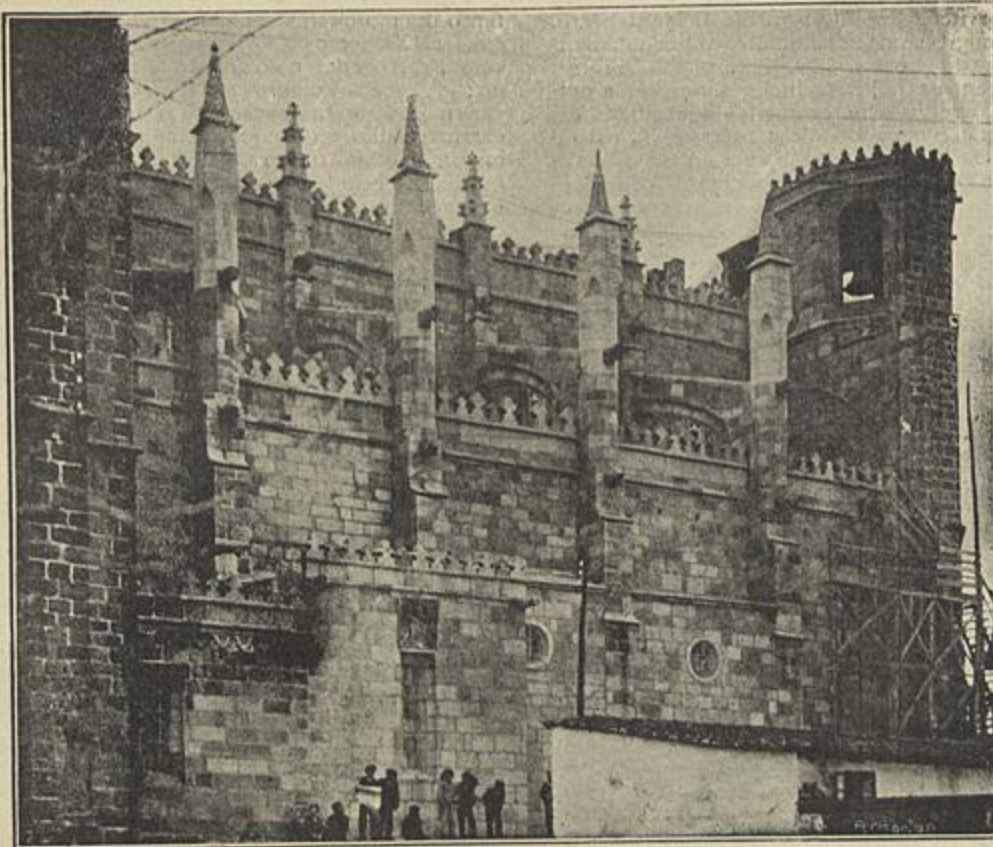
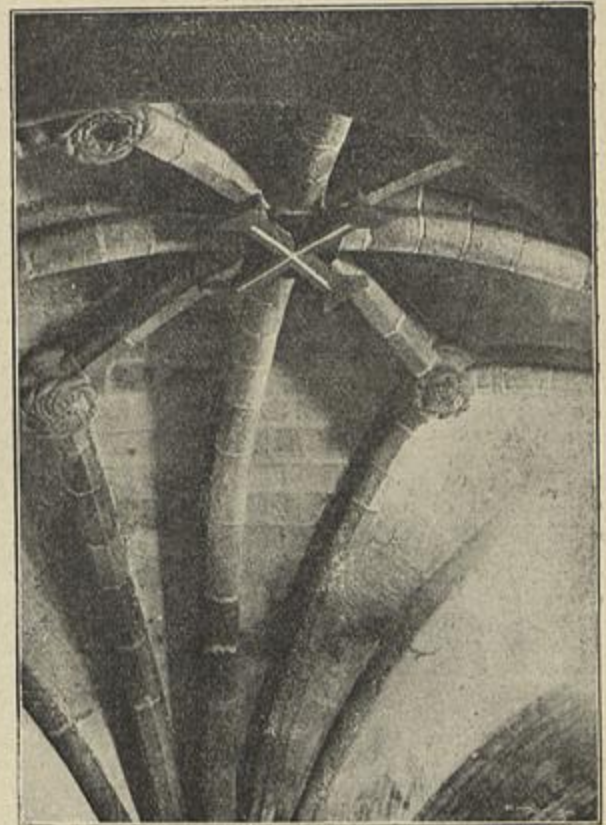
R. A. S.

O PALACIO REAL DE BELGRADO

A RAINHA NATHALIA

AS NOSSAS GRAVURAS

A CONSPIRAÇÃO NA SERVIA

No nosso n.º 518, de 11 de maio de 1893, dando conta aos nossos leitores do golpe de Estado do rei Alexandre I da

A Cathedral da Guarda

LADO NORTE COM PARTE DA RESTAURAÇÃO

FECHO D'ARTESÕES DA PARTE CENTRAL DA ABOBADA CRUZEIRA

Alexandre I era filho do rei Milan e da rainha Nathalia e contava então 17 annos, tendo nascido em Belgrado em 1876. (1)

Justificára-se então o acto de energia do joven rei por se ter tornado impopular a regencia, sendo grandes as reclamações da opinião contra os seus representantes, porém, o que é quasi certo, é que sendo grande a influencia da Russia e da Austria na Servia, a ponto de haverem ahi dois partidos o dos *Liberaes*, creaturas da Austria, e o dos *Radicaes*, partidarios da Russia, os regentes, que haviam sido indicados pelos amigos da Austria, estavam fatalmente condemnados ao ostracismo logo que Alexandre I chegasse á maioridade, visto que por convicção ou por suggestão parecia influenciado pelos amigos da Russia.

(1) Vide «Occidente» vol. XI pag. 164 e 218.

COROAMENTO DA FACHADA NORTE

Servia, o mesmo que acaba de ter agora tão desgraçado fim, transcreviamos um telegramma de Belgrado, de 14 de abril, d'esse mesmo anno, que era assim concebido:

«O rei Alexandre fez prender os regentes da Servia, proclamou-se maior e constituiu novo ministerio, sob a presidencia do dr. Dokitich. As tropas prestaram juramento de fidelidade ao rei. A cidade está tranquilla.»

Os regentes assim de surpreza destituidos da sua auctoridade eram Ristitch, Belimarkovitch e Protitch que desde 1889 estavam investidos na suprema jurisdicção do reino da Servia, desde que o rei Milan abdicára a corôa em seu filho.

PARTE LATERAL DA ALA SUL

N'esta occasião o rei Milan, que no acto de abdicar, em 1889 consentira em sahir do reino, com a condição de sua esposa a rainha Nathalia ser expulsa da Servia, violando a prohibição que lhe fôra imposta entra de novo no reino e consegue ser reintegrado nas suas prerogativas, combinando ao que parece, de commum accordo com seu filho, o golpe de estado de 1894, em que se restabelece a constituição anterior, sendo abolidas a liberdade de imprensa e as garantias individuaes.

Dentro em pouco, porém, reacendem-se as contestações entre pae e filho, e Milan saindo novamente da Servia reapparece ali de novo sendo d'essa vez nomeado generalissimo do exercito e governando á sombra do filho.

Voltam as dissidencias, e Alexandre I tomando por pretexto o seu casamento, rompe as relações com seu pae, que de novo se exila da Servia, realisando se o consorcio de Alexandre em Belgrado a 23 de julho de 1900, com uma formosa dama de honor de sua mãe, natural da Servia, que era a rainha Draga.

Esta senhora, viuva d'um official de nome Machin, tinha nove annos mais do que o rei Alexandre, mas parece que este matrimonio, sendo apenas inspirado n'uma inclinação de amor do rei, fôra desapprovado por seus paes e além de mal apreciado nas côrtes visinhas pouco de agrado do povo.

Este elemento de discordancia começou tambem a fazer pezo na consciencia de Alexandre, terminadas as illusões da paixão satisfeita, porém fóra do palacio de Belgrado o que se dizia era que elle se deixava dominar pela rainha, e que esta se impunha ao rei e ao paiz por fórmas menos correctas para a dignidade d'uma soberana.

Esperançada em que daria um successor ao throno, e que esse élo a tornaria eternamente possuidora do amor do marido e crédora das sympathias do povo, que bem via faltarem-lhe em grande parte, chegou a fazer espalhar a noticia da sua proxima maternidade, levando-se a comedia ao ponto de se formular o convite ao imperador da Russia para ser o padrinho da creança.

Passaram-se os mezes, o herdeiro ao throno da Servia não appareceu, e o facto deu tanto que falar, que se tornou em mais um elemento de censura para a desgraçada rainha.

O proprio rei chegou, parece que a invectival-a pela sua leviandade, e correram rumores na côrte de que os reis se separariam.

Entretanto os inimigos da corôa iam conspirando nas trevas e urdindo o seu plano sediccioso, fazendo espalhar que a rainha Draga preparava as coisas de maneira que seu irmão, Nicomedes Lunjevicz, official do exercito Luguevitza, devia ser na sua chegada ao reino, que estava para breve, nomeado herdeiro da corôa.

Esta noticia, habilmente espalhada, levantou indignada a opinião publica, a conspiração viu engrossar as suas fileiras de novos adeptos, e só se aguardou o momento decisivo de operar.

N'um telegramma recente deu-se á Europa a noticia de que a rainha Draga estivera prestes a ser victima d'uma tentativa de envenenamento, havendo morrido o cozinheiro francez que comera da refeição que a soberana se recusára a tomar.

Mas a hora fatal estava prestes a soar para os dois infelizes. A conspiração, preparada desde longa data pelos *comités* secretos de todas as provincias, havia deliberado a morte do rei e da rainha da Servia, tendo sido escolhido para soltar o grito da revolução o regimento de infanteria 6, da guarnição da capital.

O plano foi posto em execução pelo coronel Naumovitch, ajudante de campo do rei.

Pelas 10 horas da noite de 18 do corrente seis fileiras de conspiradores armados rodearam o palacio.

Os officiaes generaes e superiores penetraram n'elle, depois de matarem a sentinella que estava postada á entrada, e, levando redigida a abdicação do monarcha a favor de Karageorvitch, intimaram Alexandre a que assignasse. O rei recusou, sendo logo morto com um tiro disparado pelo coronel Naumovitch. Foi o signal da carnificina.

Alexandre ainda viveu alguns instantes, sendo-lhe dadas varias espadeiradas que o acabaram de matar.

A morte da rainha foi instantanea e devida tambem a um tiro.

Depois d'isto é que os conspiradores mataram as irmãs e os irmãos da rainha, os ajudantes e officiaes fieis ao rei, o presidente do conselho de ministros e varios agentes de policia que faziam serviço no paço.

Os outros ministros foram presos e postos incommunicaveis.

Os cadaveres dos reis, atirados por uma janella, cahiram n'um pateo, onde os deixaram ficar.

Em seguida foi proclamado o novo governo e indigitado para occupar o throno o principe Pedro Karageorvitch, genro do principe de Montenegro, que o congresso nacional já elegeu por unanimidade.

Nos centros politicos inglezes persiste a opinião de que os acontecimentos succedidos em Belgrado não occasionarão a guerra civil, visto o povo da Servia ter recebido com alegria os actos violentos da conspiração. No caso de complicações inesperadas e improvaveis, as tropas austro-hungaras e russas entrarão na Servia, afim de restabelecerem a ordem.

* * *

A rainha Nathalia, que está residindo em França, ao saber da morte do filho e da nora teve uma violenta crise de lagrimas, exclamando:— «Castigo de Deus! Castigo de Deus! Rezemos por alma d'esses desgraçados!»

Depois esteve rezando durante algumas horas.

Diz-se que a rainha Nathalia entrará para um convento dentro em breve.

* * *

As rivalidades dynasticas na Servia mais d'uma vez teem lançado mão do ferro e do fogo para dirimir os seus direitos.

A Servia tem passado por grandes vicissitudes por essa razão, tornando-se umas vezes reino independente, sendo d'ahi a pouco considerada como simples provincia do imperio musulmano e logo principado sob a suzerania do gran turco. Deveu a sua emancipação a dois aldeões, um moleiro, Jorge o Negro (Karageorge), e outro porqueiro, Miloch Obrenovitch, e ambos fundaram dynastia, occupando por egual o throno do principado, alternando-se nas seguintes datas:

Karageorge	1804-1812
Miloch Obrenovitch....	1816
Miguel Obrenovitch....	1839
Alexandre Georgevitch.	1842
Miloch (novamente)...	1858
Miguel (novamente)...	1860

Uma conspiração tirou a vida ao rei Miguel no dia 10 de junho de 1868, trinta e cinco annos depois, seu neto Alexandre tinha egual sorte.

Com a morte do rei Alexandre extinguiu-se a dynastia dos Obrenovitch.

«DIOCESE E DISTRICTO DA GUARDA»

Sob este titulo publicou o sr. dr. José Osorio da Gama e Castro, dignissimo juiz de direito, um livro de valioso interesse historico, e que se prende muito especialmente com a restauração da cathedral da Guarda, a que o estudioso architecto sr. Rozendo Carvalheira está procedendo, como o Occidente já se tem referido por vezes. (*)

DR. JOSÉ OSORIO DA GAMA E CASTRO

O sr. dr. Osorio de Castro foi quem mais se empenhou na restauração do velho monumento, quando governador civil do districto da Guarda, em 1897 a 1900, empregando todos os esforços e influencia do seu cargo official para alcançar do governo auctorisação e subsidio para as obras.

Tambem concorreu bastante para o mesmo fim o digno director das obras publicas do districto, sr. Xavier da Cunha, pois, com o seu concurso, diz o auctor do livro que vamos folheando: «... metti hombros á empresa, tentando mover o governo a lançar vistas misericordiosas sobre o velho e abandonado monumento, que a incuria, o desleixo e o vandalismo, poderosamente auxiliados pela acção destruidora dos temporaes e das chuvas, que se impregnavam atravez das coberturas e paredes desmanteladas, haviam transformado em especie de cisterna infecta, quasi em pardieiro indigno do culto».

Tal era a ruina e vergonha a que havia chegado aquelle precioso monumento, que é como que uma ramificação da arte que produziu a Batalha, o grande monumento de D. João I, e o mosteiro dos Jeronymos, joias inapreciaveis da architectura.

Mais adeante ainda, o sr. dr. Osorio de Castro se refere ao auxilio que lhe prestou o architecto sr. Rozendo Carvalheira, com o relatorio que fez ácerca da cathedral da Guarda, para o apresentar ao governo:

«O distincto architecto, sr. Rozendo Carvalheira, que havia sido encarregado pelo governo de vistoriar o decrepito monumento, e de propôr as reparações indispensaveis, fez um relatorio tão suggestivamente apaixonado pelas preciosidades architectonicas ali descobertas, e insinuou por tal fórma a repugnancia que, no seu temperamento artistico, causaram a incuria e o vandalismo de que o venerando templo se tinha tornado victima, que arrastou invencivelmente, apoz o fulgor das suas palavras inspiradas, a opinião unanime das corporações superiores dos monumentos nacionaes e obras publicas, tornando-se alvo dos maiores e mais justos louvores pelos seus trabalhos, e pela nitidez e brilho da *Memoria* que apresentou sobre a admiravel cathedral.»

Assim conseguiu o digno magistrado e chefe superior do districto que se emprehendesse a restauração da cathedral da Guarda, com o que não pequeno serviço prestou ao paiz e não menos satisfez a sua consciencia, no empenho em que estava de livrar da ruina o bello e antiquissimo templo.

Mas não descançou na sua difficil empresa o sr. dr. Osorio de Castro. Para conseguir o seu desideratum publicou uma serie de artigos historiando o districto da Guarda e a sua cathedral, o que constitue um estudo interessantissimo e de larga investigação, que mais ampliou e desenvolveu no livro em que reuniu esses artigos e que publicou agora.

Duplo motivo de gratidão lhe devem aquelles povos ainda pela publicidade da sua historia honrosa, que não pouco trabalho de investigação e critica representa, na copiosa serie de documentos e noticias que o auctor reuniu, dividindo a sua obra em tres partes e uma de *Notas Addicionaes*.

A primeira parte trata da *Circumscripção egitaniense em geral*, dividida nos seguintes capitulos: I Fundação da cidade da Guarda; foraes, antiguidades.—II Antigas dioceses; transformações, concilios e synodos; côrtes e assembleias. —III Ordens militares e religiosas; conventos.— IV Collegiadas, templos, institutos de beneficencia, estabelecimentos de instrucção — V Luctas entre o clero e a realeza nos primeiros tempos da monarchia; parte que n'ella tomaram os bispos da Guarda; relações com os soberanos; visitas regias ao territorio egitaniense.—VI Prerogativas dos prelados e cabidos egitanienses, relações reciprocas e com outras entidades; rendas e padroados da diocese VII Caracter e indole do povo e aristocracia da Beira; familias e pessoas notaveis.— VIII Actual districto e diocese da Guarda, organisação civil e militar, agricultura, industria, commercio, população antiga e moderna; divisão civil e eclesiastica e differentes curiosidades.

A segunda parte trata da *Cathedral* e é dividida em tres capitulos cujo resumo é: Trasladação da Sé egitaniense, fundação da Cathedral e o seu estylo ogival.

A terceira parte trata dos *Bispos* e é dividida em nove capitulos ennumerando os bispos d'esta diocese, com suas notas biographicas, etc.

Por esta resenha se vê da importancia do livro de que vimos tratando, o qual tem 518 paginas em oitavo grande.

O sr. dr. Osorio de Castro offereceu este livro á Misericordia da Guarda, á qual ficou pertencendo a sua propriedade, revertendo a venda do mesmo em beneficio da edificação do hospital que está fazendo.

(*) O Occidente n.º 840, 852, 857 do anno de 1902.

Algumas das gravuras que publicamos, da Cathedral da Guarda, são das que illustram este livro, que por esta circumstancia mais interessante se torna.

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º 880)

Tudo, mais ou menos, conseguira interessa-lo, parcialmente, porém; de tempos a tempos pungiam-n'o as saudades, mas sob a fórma de reminiscencia apenas; vivia ainda, mas em sonhos, tão sómente, e expirava, por assim dizer, todos os dias.

Durante o inverno preoccupava-o insistentemente o conservar sempre esperto o lume. Temia algum resfriamento, e queixava-se de que haviam imigrado para a Transylvania os frios da Russia e da Siberia. Levava todo o dia a mandar vir lenha, arremessando acha sobre acha para cima dos tições accêsos, alegravam-n'o aquelle sibilar e aquelle crepitar constantes assimilhando se a um perenne queixume, o caprichoso rutilar das labaredas, e de quando em quando punha-se a atiçar as brasas com a pá do carvão. N'este comenos anoitecia, e só então lhe parecia sufficiente o calor da temperatura. Atirava ainda uma ou duas achas para o lume, incandescente que nem o proprio sol.

— Isto significa, ponderava, que vamos amanhã ter nevoeiro, que lá no alto da torre chiará o catavento, e que á noite se levantará um ventinho sêcco e frio.— Pode soprar á vontade, que o frio não nos hade matar, accrescentou, recostando-se na poltrona, alegre e communicativo.

— Estás lembrado, Estevam, de como, vae já em quatro annos, me elegeram pela quinta vez Vice-Palatino? O meu competidor dispunha apenas de vinte e cinco votos, os restantes recahiram na minha pessoa. O enthusiasmo com que me ergueram nos braços, dando me vivas e entoando a canção — como era a toada, lembras-te?

E o Estevam, em resposta, pegou a trautear a musica.

— Como tu te lembras! Tens mais memoria do que eu.

— E como me não houvéra de lembrar, meu senhor! Pois então meu amo não me mandou fazer aquella rica véstia nova, que eu só visto pelas festas e nos dias duplices. E está como nova! Se nunca mais tornou a servir!

— Nunca mais torna a servir, affirmou Radnothy, com tristeza.

Volvido um quarto de hora, emitiu:

— Quero dizer, quem sabe se eu ainda algum dia... não, não; não torno a acceitar cargo de qualidade nenhuma, salvo se Deus nos tornar a conceder uma Representação Nacional, pois nesse caso, apresentarei desde logo os meus agravos.

Comprazia-se em recordar os seus dias de celebridade e incontrava no Estevam um sympatico confidente. Viviam ambos naquelles dias em que se effectuavam ainda as eleições para o conselho do Condado E nem um nem outro podiam olvidar aquelles tempos. A Radnothy prefigurava-se-lhe estar ouvindo ainda as ruidosas e expressivas adhesões da Nobreza, e o Estevam tinha bem presente na memoria aquelle banquete, em que era elle quem dava entrada aos convidados; Radnothy suppunha ver-se ainda sentado no seu côche, recebido pelas ovações enthusiasticas dos seus dedicados eleitores, e Estevam via-se ainda campando na almofada, mirando sobranceiro a tudo aquillo, como se fôra uma homenagem á sua pessoa.

E com estas conversas iam entretendo o tempo, e elle, olvidando a prematura morte do filho, a ingratidão da filha, o ominoso processo, o mundo virado do avêsso, e, de quando em quando, ia criando, até, alento para emitir o seu gracejo.

— Não sei se sabes, Estevam, que daqui a tres semanas temos o Natai á porta? E era por este tempo que o conselho do condado costumava celebrar a primeira reunião do anno. A'manhã manda atrelar cedo a carruagem, tira para fóra o meu *Atilla*, o meu sabre e o meu gôrro com a penna de aguia. Temos que ir ao «Marchális», já se vê! Agora mesmo li eu o officio de convocação, affirmou, uma manhã, ao Estevam, que se ficou a olhar para elle assarapantado, persuadido de que ao amo se lhe havia voltado o juizo.

— Ficaste contente com a noticia, meu velho? Vaes ter occasião de dar ar á jaqueta rica. E acreditou, o pátéta! — Ah, ah, ah! Que grande simplorio me saíste, meu Estevam! — Deus te valha! E ria a bandeiras despregadas, contentissimo por ter logrado o bom do velhote.

— O patrão está com vontade de brincar, resmoneou o Estevam.

— Pois não era brincadeira, digo-t'o eu, atacou Radnothy, = a gana com que nós, em um conselho de magnates, atacámos o governo interino, que não fôra legalmente eleito pelo congresso nacional. E o discurso que eu proferi naquella occasião! Os applausos e o vivorio eram um nunca acabar. E sabes quem foi que se levantou a impugnar o meu discurso? Foi aquelle tisnado d'aquelle barãosito, a quem tinham posto a alcunha de Albano Zindi principe dos ciganos. Que chorrilho de dislates lhe saíram pela boca fóra! E vai, eu tornei-me a levantar e principiei o meu discurso assim. «*Tekintetes karok és rendek!* (Respeitabilissima assembleia, etc. e tal.) Por quanto tempo abusará ainda este ente da nossa paciencia?» N'isto corta-me a palavra o tal Albano Zindi, repellindo a affronta. E respondi-lhe eu: «Diz muito bem, senhor barão, e queira desculpar a incoherencia de que fui culpado, chamando-lhe um ente». Sempre queria que ouvisses as gargalhadas e o vivorio, atroavam a sala! Ai! Estevam, Estevam! Aquillo é que eram tempos! Lembras te?

— Pois não me havia de lembrar! Parece-me ainda estar vendo o meu nobre amo com o seu *Atilla*, todo elle alamares de oiro, e com o grande e antigo sabre, aquelle de que os gendarmes lhe deitaram mão na primavera.

— Levaram-m'o e nunca mais m'o restituiram. Nem sequer já temos sabre; vae-se-nos tudo pela agua abaixo, meu Estevam, suspirou Radnothy, desalentado.

— Permeou um silencio, ao qual o Estevam se não atrevia a interromper. Ouvia-se o tique-taque do relogio. E imergiram em seu scismar os dois anciães; n'este entrementes apagára-se o lume, e Radnothy principiou a sentir frio, e até á hora do jantar levou a vituperar contra os Russos e a maldizer a Siberia.

A' medida que adiantava o inverno, mais lenha ia consumindo, e quanto mais compridas iam sendo as noites, mais communicativo se manifestava. Repisava aquillo que repetira na vespera, e se alguma coisa olvidava, suppria-a desde logo o Estevam. Succedia, mais de uma vez, este não se lembrar tambem de qualquer coisa; e entretinham-se então com adivinhações. Tinham ambos debaixo da lingua aquillo que intentavam dizer, e quando, depois de muita quebra-cabeça o não conseguiam formular, concordavam no seguinte: «E' o que acontece a quem se vae fazendo velho, dia para dia mais vai sentindo o frio.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

NECROLOGIA

MOTTA PEGADO

No dia 5 de maio findo, falleceu victimado por uma syncope cardiaca, o distincto lente proprietario da cadeira de geometria descriptiva da Escola Polytechnica e general de divisão graduado, sr. Luiz Porphyrio da Motta Pegado.

Nascido em Lisboa em agosto de 1831, contava á data do seu fallecimento 72 annos, incompletos, de idade, tendo sido a sua carreira, quer no magisterio superior que elle honrou sobremaneira, quer no exercito, que serviu desde 1849, um exemplo de austeridade, zelo e dedicação.

Era filho de Sebastião Antonio Pegado, capitão-tenente da armada real, e da sr.ª D. Joaquina Thereza de Andrade e Silva.

Sentando praça em 30 d'agosto de 1849, foi promovido a alferes em 29 de abril de 1851; a tenente a 29 de novembro de 1864; a capitão a 27 de novembro de 1872; a major a 27 de agosto de 1884; a tenente-coronel em 14 de janeiro de 1885; a coronel em 15 de junho de 1888; a general de brigada em 19 de maio de 1894; e a general de divisão em 11 de agosto de 1898, sendo collocado no quadro auxiliar em 11 de novembro d'esse mesmo anno.

Tinha os cursos de engenharia e de estado-maior.

Concluido o curso do Real Collegio Militar foi promovido a alferes para infanteria 10, sendo em 27 de novembro de 1854 nomeado professor de mathematica do mesmo collegio.

Exerceu algumas commissões de serviço publico sempre com a maior correcção, sendo por portaria de 29 de dezembro nomeado substituto na cadeira de mathematica da Escola Polytechnica, e por carta de lei de 7 de julho de 1859 investido na propriedade da cadeira de geometria descriptiva, que elle havia inaugurado, e na qual elle ainda preleccionou no actual anno lectivo.

Tambem leccionou provisoriamente no Lyceu Nacional de Lisboa e a cadeira de geometria descriptiva na Universidade de Coimbra e na Academia Polytechnica do Porto.

Foi director do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, socio da Academia Real das Sciencias, onde exerceu por diversas vezes os cargos de vice-presidente e de thesoureiro, socio correspondente do Instituto de Coimbra e de outras associações scientificas do paiz, etc.

N'uma commissão administrativa presidida pelo fallecido marquez de Fronteira desempenhou as funcções de vereador de Lisboa, exercendo tambem o cargo de membro do conselho superior de instrucção publica.

Entre outras o distincto geometra publicou as seguintes obras:

Equação e quadrado das differenças,— nos annaes das sciencias e lettras publicados debaixo dos auspicios da Academia Real das Sciencias.

Alguns apontamentos sobre o modo de calcular a mortalidade nos hospitaes e nos asylos, — no jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.

Tratado elementar de arithmetica — approvado pelo governo para uso dos lyceus nacionaes, com quatro edições.

O logar geometrico dos pontos que distam egualmente de duas rectas dadas e um paraboloide de hyperbolico isosceles, —no jornal das sciencias mathematicas, physicas e naturaes.

Deducção da formula que dá o volume limitado pelo intradorso de uma abobada de aresta, por o plano das impostas e por os planos verticaes, que conteem os quatro arcos da testa da mesma abobada.— Deducção da formula que dá o volume limitado pelo intradorso de uma abobada de banda por o plano das impostas e por os quatro planos verticaes correspondentes aos pes direitos da abobada,— no mesmo jornal.

Secções conicas ao canomoide circumscripto a uma conica,— no mesmo jornal.

Determinação dos eixos da sombra ou projecção obliqua de um circulo,— no mesmo jornal.

Theoria geral das combinações com repetição, — no mesmo jornal.

Sobre um problema de analyse indeterminada, — no jornal das sciencias mathematicas e astronomicas.

Estudo sobre o deslocamento de um solido invariavel no espaço,— memoria offerecida á Academia Real das Sciencias.

A sua morte deixa um importante vacuo no professorado superior, de que elle era um dos mais eruditos membros, e a sciencia perde um dos cultores mais dedicados, tendo honrado com os seus trabalhos não só o seu nome mas tambem o paiz que lhe foi berço.

VALENTIM DE MAGALHÃES

O Brasil acaba de soffrer com a morte d'este distincto prosador e poeta, uma perda sensivel para a sua litteratura, de que elle era um dos mais dilectos cultores.

Filho de paes portuguezes que dedicaram á sua educação intellectual os maiores disvelos, Valentim de Magalhães foi dos mais distinctos alumnos da Universidade de S. Paulo, onde teve por condiscipulos as individualidades hoje mais em evidencia nas lettras, nas sciencias e na politica, sendo os seus perdilectos companheiros inseparaveis Assis Brasil e Silva Jardim.

Com elles publicou de collaboração as *Ideias de moço*, sendo entre muitos dos seus trabalhos litterarios digno de especial registro *O Mundo em fóra*, impressões de viagem, em que a sua critica finissima por vezes resalta vibrante e alegre, se bem que em todos os trabalhos sahidos da sua pena, Valentim de Magalhães se manifeste sempre um espirito superior e reflectido, quer nos dê versos como na *Velha Historia*, *Pronuncio de Aurora*, *Dois Edificios*, *Poemas de Raça*, quer percorramos as *Notas á margem*, secção por elle creada na *Gazeta de Noticias*, onde se affirmou um chronista e jornalista distincto.

D'esse talento maleavel pelas diversas formas em que successivamente nos appareciam os seus trabalhos, hoje na chronica, amanhã no conto, no dia seguinte n'um madrigal, escreveu o sr. Visconde de S. Boaventura, o seguinte soneto:

LUIZ PORPHIRIO DA MOTTA PEGADO

FALLECIDO EM 5 DE MAIO DE 1903

Tu na satyra és rispido e ferino;
vibras da nova lyra as cordas éreas,
e é egual ao do auctor da «Musa em férias»
o fragor do teu verso Alexandrino.

Fulgura sempre bello e peregrino,
nos folhetins, nos contos, nas pilherias.
nas leves coisas e nas coisas serias,
teu espirito rico e superfino...

Disse-me um dia o Arthur que és mais artista
do que outra cousa; mas não acho recta
a idéa, embora n'ella o Arthur insista.

Mesmo não sei ao certo, e isto me inquieta
se és mais poeta que folhetinista
ou mais folhetinista que poeta.

Em 1885 Valentim de Magalhães fundou *A Semana*, de que foi director, jornal que tinha como collaboradores os mais eminentes nomes da litteratura brasileira.

Honrando Portugal com a sua visita realisou duas conferencias na Sociedade de Geographia sobre a litteratura brasileira, e outra no Atheneu Commercial, em que mostrou conhecer toda a grande obra litteraria de João de Deus.

N'uma e n'outras o distincto escriptor brasileiro evidenciou profundos conhecimentos, tratando as suas theses com grande e correcta erudição.

Honrando a sua patria, nossa irmã, elle honrava Portugal, o berço de seus paes, fazendo justiça glorificadora ao seu passado, e reconhecendo que nós se não sômos já a nação de navegadores d'onde vieram os nossos mais nobres padrões de gloria, caminhamos a par dos povos mais civilisados do mundo e mantemos um grande prestigio intellectual em toda a parte onde o nosso nome é conhecido.

VALENTIM DE MAGALHÃES

FALLECIDO EM 17 DE MAIO, NO RIO DE JANEIRO